

EM HOMENAGEM A TOM ANDERSEN

Teresa Cristina do Valle Chagas Diniz

Meu primeiro contato com Tom Andersen foi após ter lido a edição de 1991 da versão norte americana de seu livro *Reflecting team, dialogues and dialogues about dialogues* que havia trazido de um encontro da AFTA naquele mesmo ano.

No final de 1996, o então Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro e o Instituto NOOS publicaram o livro em português, traduzido da edição em inglês, pois não foi possível encontrar tradutor de norueguês como queria o autor.

Foi com muita emoção que o recebemos no Rio, em março de 1995, quando pudemos assisti-lo trabalhando numa consultoria a uma equipe multidisciplinar na casa rosa do ITF-RJ.

O encontro com ele foi facilitado por sua simplicidade e bom humor, características marcantes de sua personalidade. Veio com uma filha, adorou a cidade, nossa música e nossa caipirinha.

Em abril de 1997, Tom voltou ao Rio para mais um workshop e recusou-se a receber direitos autorais, assim como o reembolso da passagem conforme havíamos combinado. Diante de nossa insistência em pagar-lhe, disse que queria apenas um exemplar do livro, doando todos os direitos e o reembolso da passagem para um fundo de ajuda às pessoas que não tinham condições de pagar pelos workshops que costumávamos promover. Diversas pessoas se beneficiaram de sua generosidade.

Assim era Tom Andersen, norueguês que nasceu e se formou em psiquiatria em Tronso, uma cidade situada no norte da Noruega, onde há dois meses de claridade e dois de escuridão.

“A escuridão e as tempestades de neve no inverno propiciam muito tempo para se pensar e em seguida repensar. Excursões até as montanhas nas noites calmas de um junho iluminado incentivam o desenvolvimento das idéias.” (Andersen, 1996, p.20)

Sua busca de uma forma de trabalho que fosse mais abrangente do que a visão psiquiátrica na qual havia sido formado levou-o a um treinamento em psicoterapia individual que, apesar de ter-lhe acrescentado novas e interessantes compreensões dos problemas, na prática clínica não favoreciam suas resoluções. Passou então a interessar-se por terapia de família.

Quando assumiu a cadeira de psiquiatria na Universidade de Tromso, em 1974, formou um grupo de sete profissionais de saúde mental que tinha dois objetivos: trabalhar em cooperação com o sistema de saúde em Tromso para evitar a hospitalização de pacientes psiquiátricos e participar de um programa educacional de dois anos sobre terapia de família com orientação sistêmica sob a direção da Norwegian Psychiatry Association. O estudo das publicações de terapeutas europeus e norte americanos, durante o programa educacional, inspiraram-o, frente a reveses com a política institucional de saúde norueguesa, a organizar seminários anuais para os quais foram convidados oradores de Nova York, Milão, Canadá, Bélgica, Roma e Texas. (Andersen, 1996).

As transformações operadas em seu trabalho clínico fez surgir, em março de 1985, o *reflecting team*, que o tornou conhecido e reconhecido em todo o mundo.

Tom contava, jocosamente, que sua mãe lhe dizia que tinha que pensar antes de falar e que, com Goolishian aprendeu que era a fala que organizava o pensamento. Penso que a substituição, em sua prática clínica do “ou isto ou aquilo” por “isto e aquilo” permitiu-lhe articular essas duas idéias aparentemente contraditórias e tornou-se um palestrante internacional, sem um consultório próprio, prestando consultorias reflexivas a outros terapeutas ao redor do mundo.

Em 2000, veio ao Rio junto com Gianfranco Cecchin e Peggy Penn para um evento inesquecível para todos que tiveram o privilégio de assisti-lo. Quando sugeriu esse encontro, perguntei-lhe o que o ligava a terapeutas com estilos de trabalhar tão diferentes do dele. Respondeu-me que eram pessoas às quais podia dar as costas sem temor algum, pois que as diferenças de estilo poderiam somar e que o mais importante para se trabalhar junto era confiar.

Por ter que pegar um vôo antes dos outros palestrantes, Tom despediu-se desse evento às 11 horas sob o som da voz de Gal Costa à qual se somou um coro das 300 pessoas do auditório cantando o Trem das Onze, canção de que ele muito gostava e conhecia a letra. No prefácio da segunda edição de seu livro, escreveu:

“Inesquecível!... Quando disse adeus, 300 pessoas se levantaram e cantaram Trem das Onze, meu samba favorito! A emoção foi tão grande que acabei chorando. No caminho para o aeroporto, minha mãe, que morreu há doze anos e costumava ser muito crítica, reapareceu e me disse: ‘você fez um bom trabalho no Brasil!’” (Andersen, 1991, p.9)

Em 2004 quando se foi seu grande amigo, Gianfranco Cecchin, mandou-me um e-mail onde dizia: *“Sim, é muito triste, mas afortunadamente posso ouvir sua voz sorridente o tempo todo. Isso ajuda”*.

Hoje, ao despedir-me de Tom Andersen, peço licença para plagiá-lo quando penso: Sim, é muito triste perder um mestre que marcou tão profundamente minha vida profissional e pessoal e as de tantos terapeutas mais... Mas afortunadamente posso ouvir sua voz suave, pausada e firme o tempo todo. Isso ajuda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDERSEN, T. *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto de Terapia de Família - RJ, Instituto Noos, 1996.

ANDERSEN, T. *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto de Terapia de Família - RJ, Instituto Noos, 2002. 2^a. Edição.